

FHDF recorre para não pagar indenização

* 1 AGO 1989

A Fundação Hospitalar do DF recorrerá em 15 dias da sentença que a obriga a pagar uma indenização de cerca de NCz\$ 1 milhão à viúva de Vanderley Vaz — Dionisia Vaz. Segundo o procurador jurídico da instituição, Josué Chagas Filho, a fundação contestará “até a última instância” à acusação de que a morte de Vanderley Vaz, no dia 29 de junho de 1987, causada pela sua queda de uma maca no Hospital Regional da Asa Norte, foi consequência de negligência de seus funcionários.

De acordo com o procurador, a elaboração do recurso começará a ser feita a partir de hoje, data para início do prazo de contestação, com a publicação no Diário da Justiça da sentença relativa ao processo. A argumentação, entretanto, deverá ser a mesma que foi apresentada à 4ª Vara da Fazenda Pública do DF, onde a fundação alegou que a morte do paciente foi “decorrência de um acidente”.

No documento da 4ª Vara, a FHDF ressalta que o transporte de Vanderley Vaz foi feito por “pessoas altamente especializadas: um padoleiro e um auxiliar de enfermagem”, que, por não agirem culposa ou dolosamente, exclui a tese

jurídica do “nexo de causalidade”. Ou seja, para a fundação, não há relação de consequência entre a queda do paciente e sua morte.

Além disto, a instituição discorda do prejuízo que a esposa da vítima teve com sua morte “já que tem direito de receber a pensão previdenciária”.

Hipertensão

Na semana passada a juíza substituta da 4ª Vara da Fazenda Pública, Maria Brito, desconsiderou a argumentação da fundação e determinou a indenização. De acordo com a juíza sua decisão se baseou no fato de que o estado de pro-
coma de Vanderley Vaz foi causado pela aplicação de uma ampola de 10 mg de Valium, já que o motivo de sua internação era hipertensão. Seu estado de saúde ao entrar no HRAN poderia ser considerado grave, mas sem a queda, ele “até poderia morrer mas não da maneira como se deu”.

O secretário de Saúde, Milton Menezes, considerou ontem “lamentável” a morte do paciente Vanderley Vaz. Ele afirmou que não tem conhecimento sobre o episódio, uma vez que ocorreu há dois anos e só agora está à frente da pasta.